



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE EDUCAÇÃO
CURSO DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA

LÉIA PATRICIA SOUSA DE LIMA

**Percepção do professor acerca do trabalho pedagógico com o
aluno surdo na escola**

JOÃO PESSOA
2019

LÉIA PATRICIA SOUSA DE LIMA

**Percepção do professor acerca do trabalho pedagógico com o
aluno surdo na escola**

Trabalho de conclusão de curso de graduação apresentado ao Centro de Educação como requisito parcial para a obtenção do título de Licenciada em Pedagogia, pela Universidade Federal da Paraíba.

Orientadora: Dr^a. Munique Massaro

JOÃO PESSOA

2019

Catálogo na publicação
Seção de Catálogo e Classificação

L732p Lima, Leia Patricia Sousa de.

Percepção do professor acerca do trabalho pedagógico
com o aluno surdo na escola / Leia Patricia Sousa de
Lima. - João Pessoa, 2019.
26 f.

Orientação: Munique Massaro.

Coorientação: Adenize Queiroz De Farias, Izaura Maria
de Andrade da Silva.

Monografia (Graduação) - UFPB/CE.

1. Educação Especial. 2. Inclusão. 3. Surdo. I.
Massaro, Munique. II. Farias, Adenize Queiroz De. III.
Silva, Izaura Maria de Andrade da. IV. Título.

UFPB/BC

LÉIA PATRICIA SOUSA DE LIMA

**Percepção do professor acerca do trabalho pedagógico com o
aluno surdo na escola**

Trabalho de conclusão de curso de graduação apresentado ao Centro de
Educação como requisito parcial para a obtenção do título de Licenciada em
Pedagogia, pela Universidade Federal da Paraíba.

Aprovado em: 27 de setembro de 2019.

BANCA EXAMINADORA

Munique Massaro;
Professora Dr^a. Munique Massaro - UFPB
(Orientadora)

Izaura Maria de Andrade da Silva
Professora Dr^a Izaura Maria de Andrade da Silva - UFPB
(Examinadora)

FORTE E FARIAS

Professora Ms^a Adenize Queiroz De Farias - UFPB
(Examinadora)

JOÃO PESSOA

2019

*Dedico essa etapa da minha vida a Deus,
pois foi através Dele que estou sendo capaz
de chegar até o final deste curso.*

Agradecimentos

A Professora Dr.^a Munique, por ter aceitado o desafio de ser minha orientadora.

Ao marido, Lenildo Moura, que sempre esteve presente, incentivando com palavras e ações, muitas vezes deixando o seu conforto de lado para ajudar o máximo possível, e com tudo a minha filha Cicera Livia, que cuidou de seu irmão nos horários das aulas, para que eu pudesse concluir cada disciplina do curso, a minha família.

A Deus acima de tudo.

Muito obrigada a todos, por tudo!

Resumo

A comunidade surda possui uma língua própria, a Língua Brasileira de Sinais, e por esta especificidade, evidencia-se na literatura que os professores sentem dificuldades em lidar com seus alunos surdos em sala de aula de escola regular. Tratando-se da educação inclusiva, cresce a necessidade de qualificação, e assim, uma forma de adequação nas práticas pedagógicas dos professores no trabalho com o aluno surdo. Este trabalho foi realizado tendo o objetivo de analisar a percepção do professor acerca do trabalho pedagógico com o aluno surdo, a partir de entrevistas com três professores, que possuem experiência na sala de aula para trabalhar com estes alunos. Foi elaborado um roteiro de entrevista, durante uma disciplina de Libras e as entrevistas com os professores ocorreram em sessões únicas e individuais, nas escolas em que eles lecionavam. Após as entrevistas, os áudios gravados foram transcritos na íntegra e analisados qualitativamente. Os resultados indicaram que os professores não estão capacitados para atender alunos surdos, embora nos depoimentos apontem para a satisfação diante dos resultados dessa experiência, relatando que suas aulas transcorrem normalmente; que as presenças do aluno surdo e intérprete são facilmente assimiladas na rotina escolar; e que percebem um bom relacionamento entre os alunos e um bom rendimento geral do aluno surdo. Considera-se que os professores precisam adaptar a sua didática em sala de aula a seus alunos surdos, proporcionando oportunidades de aprendizado e possibilitando que estes alunos se sintam capazes de crescerem e se desenvolverem.

Palavras-chave: Educação Especial. Inclusão. Surdo.

Abstract

The deaf community has its own language, the Brazilian Sign Language, and because of this specificity, it is evident from the literature that teachers find it difficult to deal with their deaf students in a regular school classroom. In the case of inclusive education, the need for qualification grows, and thus, a form of adaptation in the pedagogical practices of teachers in working with the deaf student. This work was carried out aiming to analyze the teacher's perception about the pedagogical work with the deaf student, from interviews with three teachers, who have experience in the classroom to work with these students. An interview script was developed during a Libras course and interviews with teachers took place in one-on-one sessions at the schools where they taught. After the interviews, the recorded audios were transcribed in full and analyzed qualitatively. The results indicated that the teachers are not able to attend deaf students, although in the testimonies they point to the satisfaction with the results of this experience, reporting that their classes run normally; that the presence of the deaf student and interpreter is easily assimilated into the school routine; and who perceive a good relationship between students and a good overall performance of the deaf student. It is considered that teachers need to adapt their classroom didactics to their deaf students, providing learning opportunities and enabling these students to feel able to grow and develop.

Palavras-chave: Special Education. Inclusion. Deafness.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	1
2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	2
2.1 A HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO DO SURDO.....	2
2.2 A EDUCAÇÃO BILÍNGUE.....	4
2.3 A COMUNICAÇÃO E INCLUSÃO ESCOLAR DO ALUNO SURDO.....	6
3 OBJETIVO.....	9
4 MATERIAL E MÉTODO.....	9
5 RESULTADO E DISCUSSÕES.....	10
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	14
REFERÊNCIAS.....	15
APÊNDICES – ENTREVISTAS.....	17

1 INTRODUÇÃO

Meu interesse a respeito do tema se deu pela identificação das dificuldades encontradas pelos professores inseridos em escolas regulares que possuem alunos surdos. Esta constatação se deu quando cursei a disciplina de Libras na Universidade Federal da Paraíba e entrevistei três professoras do ensino regular que atuavam com alunos surdos.

Assim, este trabalho de conclusão de curso faz parte dessa atividade realizada anteriormente, com o aprofundamento das discussões dos dados coletados.

Esta pesquisa tem como objetivo analisar a percepção do professor acerca do trabalho pedagógico com estes alunos. Buscou-se aprofundar o conhecimento sobre este tema e tentar compreender as dificuldades que os alunos sofrem no processo de ensino-aprendizagem. Desde a descoberta da surdez, o aluno passa por uma série de dificuldades na sociedade: aceitação da família, preconceito da sociedade ao seu redor, exclusão nas escolas, entre outros.

Na escola, de acordo com o Ministério da Educação, as adaptações curriculares são respostas educativas que devem ser dadas pelo sistema educacional, de forma a favorecer a todos os alunos e, dentre estes, os que apresentam necessidade de acesso ao currículo, de participação integral, efetiva e bem-sucedida em uma programação escolar tão comum quanto possível.

Evidencia-se que os professores buscam adaptar seus currículos para o acesso a todos, no entanto, sentem bastante dificuldades, pois poucos possuem conhecimento na Libras e, na maioria das vezes, as escolas não tem nenhum método ou material, que facilite a prática inclusiva.

Além disso, as escolas inclusivas precisam capacitar seus professores e incluir a comunidade escolar e a família nesse processo de ensino, pois uma escola inclusiva não é só aceitar um aluno com deficiência, mas é valorizar as diferenças existentes entre eles, é ter uma gestão totalmente inclusiva, uma infraestrutura adaptada, recursos para trabalhar junto a esses alunos e

professores qualificados, só desta forma os alunos se sentem mais confiantes de estarem no ambiente escolar.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 A HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO DO SURDO

A história dos surdos é marcada pela exclusão. Aristóteles, no século IV a.c., já falava sobre a impossibilidade de surdos serem considerados humanos, pelo fato de não utilizarem linguagem oral. Na Idade Média, além de serem considerados estranhos, e motivo de curiosidade para o resto da população, os surdos não recebiam tratamento. (MOURA, 2000).

No Brasil, os primeiros passos para a educação começaram a ser dados em meados de 1855, pelo professor francês Ernest Huet, com o apoio de Dom Pedro II, que tinha um neto surdo. Estes fundaram, no Rio de Janeiro, a primeira escola para surdos do país, em 1857, que atualmente é o Instituto Nacional de Educação dos Surdos. O instituto é um centro nacional de referência na área da surdez no Brasil, sendo um órgão vinculado ao Ministério da Educação.

Assim, a língua de sinais começou a ser difundida no Brasil, e devido às origens francesas de Huet, acabou sofrendo grande influência da língua de sinais da França.

A Língua Brasileira dos Sinais (Libras), foi reconhecida no Brasil, como segunda língua oficial do país em 2002, e foi decretada como forma oficial de comunicação dos surdos. É constituída pela combinação de forma e movimento das duas mãos, da expressão corporal e do espaço onde se realizam os sinais (BRASIL, 2002).

A Lei nº 10.436 de 2002 e o Decreto nº 5.626 de 2005 visa a implantação da Língua Brasileira de Sinais, e reafirmou que a qualidade do ensino da Libras vem desempenhar um papel determinante para a superação da condição de vida dos surdos. Por meio desse decreto, se inseriu a Libras como disciplina curricular obrigatória nos cursos de formação de professores, e no ano de 2010, estipulou então, a obrigatoriedade de intérpretes em sala de aula. Desta forma, a inclusão escolar do surdo na escola regular foi legitimada

pelo governo federal brasileiro, dando início a grande conquista dos surdos, para não ser visto pelo mundo como uma pessoa limitada, mas como uma pessoa que tem a sua capacidade, a sua forma singular de ver as coisas do mundo, cabendo aos meios educacionais estimular as suas potencialidades (BRASIL, 2002; 2005).

Se aceitarmos a visão patológica da surdez, e também acreditarmos que o conhecimento é externo ao indivíduo, então será natural atribuir à condição física do aluno como sendo a fonte de suas dificuldades[...]. Entretanto, se acreditarmos que a surdez pode capacitar o indivíduo para uma visão de mundo diferente, e que o conhecimento é construído ativamente, então poderemos esperar que as pessoas surdas venham apresentar um entendimento de mundo diferente daquele apresentado pelos ouvintes. (LEITE apud WILCOX, 1994, p.110).

Por meio de estudos linguísticos, psicolinguísticos e sociolinguísticos da aquisição de língua materna e de língua estrangeira, entre outros, referentes a Libras, é possível, hoje, reivindicar a inclusão da Libras na educação de surdos na educação básica e no ensino superior, através de uma política de ensino que respeite a legitimidade da língua de sinais de maneira plena.

Quadros (2000) ressaltou que o aluno surdo terá uma aprendizagem muito melhor dos conteúdos trabalhados nas escolas, e uma leitura do mundo que o cerca por meio da aprendizagem de sua língua materna, podendo então desempenhar seu papel de cidadão.

Nesse sentido, a autora acrescentou: “Quando me refiro ao bilinguismo, não estou estabelecendo uma dicotomia, mas sim reconhecendo as línguas envolvidas no cotidiano dos surdos, ou seja, a Língua Brasileira de Sinais e o Português no contexto da modalidade escrita”. (KUBASKI; MORAES, 2009, p.3414).

Logo, surdos e ouvintes têm línguas diferentes, mas podem viver numa única comunidade, desde que haja um esforço mútuo de aproximação pelo conhecimento das duas línguas, tanto por ouvintes como por surdos.

2.2 A EDUCAÇÃO BILÍNGUE

Na educação bilíngue, a Libras é inserida como primeira Língua para a aprendizagem do surdo e a língua portuguesa como segunda língua, na modalidade escrita. Esse modo de educação permite a comunicação de maneira natural a todos os alunos surdos em sala de aula, mas também se faz necessário que o professor estabeleça diferentes métodos de ensino para a aprendizagem de todos.

O aluno surdo pode e deve estar inserido numa escola que não seja destinada apenas para surdo, mantendo contato com os ouvintes, se estendendo para fora do muro das escolas e atingindo a sociedade, pois esses alunos precisam interagir no momento do ensino-aprendizagem, brincar, e se sentir aceito e respeitado, propondo assim, uma realidade cabível e aceitável na perspectiva da educação inclusiva.

As escolas bilíngues e inclusivas podem andar juntas, bastando que o professor aborde o bilinguismo, propondo à capacitação do aluno surdo por meio da utilização das duas línguas: A língua de sinais e a língua da comunidade ouvinte, o português na convivência escolar e social. Na elaboração do planejamento, seja referida a educação especial ,composta pelos professores que aplicam as aulas em libras na sala regular, e o professor de língua portuguesa, para pessoas surdas, trabalhando coletivamente os conteúdos curriculares, afim de que os dois estejam interligados no planejamento.

Tendo como base a Lei nº 10.436 e seu Decreto nº 5.626, a comunidade surda vem lutando a fim de almejar que sejam implantadas escolas bilíngues no Brasil, na perspectiva que seus direitos sejam respeitados. A reivindicação principal é que os mesmos possam desenvolver-se em sua própria língua (MOURA; FREIRE; FELIX, 2017).

No Brasil, como em muitos outros países, a experiência com educação bilíngue ainda se encontra restrita. Um dos motivos para este quadro é, sem dúvida, a resistência de muitos a considerar a língua de sinais como uma língua verdadeira ou aceitar a sua adequação ao trabalho com o surdo. (LACERDA, 1996, p.79 apud SILVA; NEMBRI, 2003, p. 26).

“Não somente no Brasil, mas em muitos países, não se tem ponderado que a língua de sinais seja o meio de comunicação eficaz” para as pessoas surdas (MOURA; FREIRE; FELIX, 2017, p.1286).

É fundamental proporcionar aos alunos surdos “a oportunidade de estruturar seus pensamentos, desenvolver suas habilidades linguísticas, dinamizar seus conhecimentos, e isso só acontecerá se considerarmos a sua língua como parte principal na educação”. (MOURA; FREIRE; FELIX, 2017, p.1286).

O processo de ensino e aprendizagem do aluno surdo é bastante desafiador, tanto para professores, enquanto detentores da arte de ensinar, como para toda a comunidade escolar e demais profissionais pertencentes à comunidade surda que convivem com o aluno, que busca aprender. Partindo deste contexto, deve-se pensar na língua de sinais como constituinte dos alunos surdo, já que é pela linguagem que o indivíduo estabelece sua identidade e se configura como único, nas suas particularidades (MOURA 2000).

No contexto escolar de educação bilíngue tem professores com experiências em Libras, mas também tem professores surdos que ensinam a Libras para os vários alunos surdos. Desta forma, os alunos surdos não se sentem solitários, com dificuldades, eles se sentem iguais a todos, conversam entre si e a comunidade surda fica junta.

O Decreto 5626/2005 promulga o direito do Surdo a uma educação em sua língua, ou seja, em Língua de Sinais, tendo o Português como segunda língua na modalidade escrita. Educação bilíngue vai além da questão puramente linguística, ela abrange questões sociais, culturais e de identidade que são consideradas em todo o processo, conforme aponta Quadros:

Bilinguismo na educação de surdos representa questões políticas, sociais e culturais. Nesse sentido, a educação de surdos em uma perspectiva bilíngue deve ter um currículo organizado em uma perspectiva visual espacial para garantir o acesso a todos os conteúdos escolares na própria língua da criança, a língua de sinais brasileira. É a proposição da inversão, assim está-se reconhecendo a diferença. A língua passa a ser, então, o instrumento que traduz todas as relações e intenções do processo que se concretiza através das interações sociais. (QUADRO, 2005, p. 7)

O citado Decreto pressupõe que instituições escolares formem turmas bilíngues, concebidas por alunos surdos e ouvintes, em que as duas línguas (Libras e Língua Portuguesa) prevaleçam unidas no mesmo ambiente escolar. Também determina que os alunos surdos aprendam a Língua Brasileira de Sinais (Libras) como primeira língua e o Português como segunda língua na modalidade escrita. E conduz a orientação para a formação inicial e continuada dos educadores e da formação de intérpretes que traduzam e interpretam a Libras e a Língua Portuguesa.

Para o ingresso dos alunos surdos nas escolas comuns, a educação bilíngue, Língua Portuguesa/Libras desenvolve o ensino escolar na Língua Portuguesa e na língua de sinais, o ensino da Língua Portuguesa como segunda língua na modalidade escrita para alunos surdos, os serviços de tradutor/intérprete de Libras e Língua Portuguesa e o ensino da Libras para os demais alunos da escola. O atendimento educacional especializado para esses alunos é ofertado tanto na modalidade oral e escrita quanto na língua de sinais. Devido à diferença linguística, orienta-se que o aluno surdo esteja com outros surdos em turmas comuns na escola regular. (BRASIL, 2007, p. 11)

Em 2014, foi aprovado o Plano Nacional de Educação, Lei nº 13005/2014, que assegura a educação bilíngue para os surdos, porém, ainda está distante de concretizá-la e falta o apoio das instituições governamentais e da sociedade, para se tornar, de fato, uma lei também voltada para a comunidade surda.

2.3 A COMUNICAÇÃO E INCLUSÃO ESCOLAR DO ALUNO SURDO

A maior dificuldade que o sujeito surdo enfrenta é a comunicação, devido poucas pessoas conhecer, a Libras. Cardano (1501-1576) foi um médico que pesquisou sobre os surdos, pois discordava que os surdos não poderiam aprender a se comunicar, ele viu que os surdos conseguiriam se comunicar, mas de forma gestual e teve sucesso.

Em alguns casos, os alunos com surdez não gostam de ir à escola, pela dificuldade de entender a escrita, por não conhecer as letras ou palavras na

língua portuguesa, onde o professor só fala e o intérprete nem sempre consegue passar o conteúdo pedagógico, excluindo os sujeitos que não se inserem na oralidade ao qual estão inseridos.

É primordial que os educadores conheçam e se aperfeiçoem a Língua de Sinais, porém, é preciso que tenham conhecimento que adotar essa língua, não garante a escolarização do aluno surdo. Desse modo, a integração dos alunos surdos requer ambientes educacionais que favoreçam sua participação e aprendizado nas salas de aulas regulares e no Atendimento Educacional Especializado (AEE). Para que possa desenvolver e explorar a capacidade dos alunos surdos, a escola regular deve se interligar com o AEE, sendo realizada a escolarização em turnos opostos e auxiliando no ensino de Libras e o ensino da Língua Portuguesa.

A inclusão de surdos tem sido discutida durante várias décadas, foi planejada e na atualidade as escolas inclusivas encontram barreiras e dificuldades na realização desse ensino inclusivo. É fato de que a maioria dos surdos vem de família ouvinte que usam o português na modalidade oral, que é inaceitável a eles (GLAT; BLANCO, 2007).

Outro ponto importante é que os surdos que são de família ouvinte, na maioria das vezes chegam à escola sem a aquisição de uma língua. A socialização é muito importante para o desenvolvimento de qualquer ser humano com necessidades específicas, e estes também precisam se sentir integrados ao sistema escolar e aceitos pelo meio docente e discente.

Um dos pontos positivo das escolas inclusivas é o fato de que nas escolas tradicionais há um enfoque maior na leitura e na escrita, enquanto que nas escolas inclusivas para surdos o foco para essa área é menor, já que se prioriza um conhecimento específico de conceitos mais concretos (GLAT; BLANCO, 2007).

Não é só capacitar o professor, mas também toda equipe de funcionários desta escola, já que o indivíduo não estará apenas dentro de sala de aula. [...] Alguém tem por obrigação treinar estes profissionais. Não adianta cobrar sem dar subsídios suficientes para uma boa adaptação deste indivíduo na escola. Esta preparação, com todos os profissionais serve para promover o progresso no sentido do estabelecimento de escolas inclusivas (ALVES, 2009, p.45-46).

O tradutor e intérprete terá competência para realizar interpretação das duas línguas de maneira simultânea ou consecutiva e proficiência em tradução e interpretação da Libras e da língua portuguesa.

A profissão do intérprete, apesar da existência da Lei nº 10.436, ainda não é regulamentada pelo Ministério do Trabalho; portanto, qualquer pessoa poderá exercê-la. No entanto, na prática, é imprescindível a formação deste profissional.

Dessa forma, facilitará aos surdos e ouvintes a comunicação, a fim de tornar o ensino apropriado à particularidade de cada aluno. A legislação ainda faz menção à formação de docente por meio do uso da Libras como uma disciplina em curso normal ou superior. Porém, isso é insuficiente diante das necessidades especiais dentro da inclusão.

A atuação do intérprete é essencial, pois sem a sua presença se torna impossível para o aluno surdo adquirir conhecimentos ministrados em uma aula de professor ouvinte para alunos ouvintes. Assim, afirmaram Lacerda, Santos e Caetano (2011, p.5):

o objetivo principal não é apenas traduzir, mas buscar, juntamente com o professor, meios diferenciados de ensino para que o aluno surdo possa ser favorecido por uma aprendizagem especificamente elaborada e pensada, e, conseqüentemente, eficiente.

Os autores afirmaram ainda que:

É necessário que haja uma mudança de postura por parte do professor, que também tem o dever, como educador, de auxiliar o intérprete da Língua de Sinais em suas práticas. Se o professor não assumir práticas que favoreçam a atuação do intérprete da Língua de Sinais, conseqüentemente, a compreensão do aluno surdo ficará comprometida. (LACERDA; SANTOS; CAETANO, 2011, p.18).

Sendo assim, cada profissional deve reconhecer seu papel no processo de inclusão escolar. O professor tem o papel de ensinar e possibilitar que o aluno aprenda. Já a função do intérprete é apenas interpretar.

3 OBJETIVO

Dentro do contexto apresentado, o objetivo deste trabalho é analisar a percepção do professor acerca do trabalho pedagógico com o aluno surdo.

4 MATERIAL E MÉTODO

Foi realizada uma pesquisa de caráter qualitativo, com três professores de escola pública, sendo duas do sexo feminino e um do sexo masculino, que atuavam com alunos surdos. Para a coleta de dados, foi elaborado um roteiro e realizada uma entrevista com esses professores, aos quais relataram suas percepções e dificuldades em trabalhar em sala de aula com seus alunos surdos.

A entrevista é o procedimento mais utilizado no trabalho de campo. Por meio dela, o pesquisador busca extrair informes contidos na vivência dos atores. Ela não significa uma conversa despreocupada e neutra, uma vez que se busca ser um instrumento de coleta dos fatos relatados pelos atores, enquanto sujeito-objetos da pesquisa que estão inseridos no cotidiano uma determinada realidade que está sendo focalizada. (PÁDUA, 1997, p.64).

Para recolher as informações necessárias, o roteiro de entrevista contemplou perguntas sobre a didática, métodos de ensino e as ferramentas utilizadas pelos professores em suas práticas na sala de aula, como se ensinavam seus alunos surdos em sala de maioria ouvinte através da Libras ou com ajuda de um professor intérprete.

Pretendeu-se, com esta entrevista, apreender a realidade educacional, dos alunos surdos, sobretudo daqueles que frequentam a rede pública de ensino. As informações coletadas serviram de base para um conhecimento e uma reflexão.

Os questionamentos foram realizados para todos os professores, por igual, em uma sessão única, na escola onde trabalhavam e gravadas em áudio. Após as entrevistas, elas foram transcritas na íntegra, conforme apêndice neste trabalho. Desta forma, foi feito um levantamento de informações que serviu de

base para a formação da percepção do professor acerca do seu trabalho pedagógico com o aluno surdo na escola.

.

5 RESULTADOS E DISCUSSÃO

A partir das respostas dos professores, observou-se que eles acreditam que a busca por uma interação professor/intérprete é de grande importância. A maioria acredita que essa interação é fator crucial para a inclusão do aluno surdo.

A síntese das respostas dos professores sinaliza como maior dificuldade os termos próprios da disciplina e a falta de tempo para se planejar uma aula específica para o aluno surdo, quando se está em uma sala com alunos ouvintes.

Isso pode ser verificado na fala de uma dos professores:

P1. “A dificuldade maior é a comunicação direta com o aluno, pois, por não dominar bem a Libras, acabo deixando a desejar nas atividades propostas”.

P2. “Sim, principalmente na parte textual, trabalhamos de forma progressiva e com textos mais claros e ilustrativos, objetivando uma melhor reflexão pelo aluno surdo”.

P3. “Sim, quando percebo que o aluno tem dificuldade em assimilar alguns conteúdos, e o pouco tempo de aula, não permite uma adaptação nas atividades propostas a fim de facilitar o aprendizado”.

Nesse contexto, eles ressaltaram também a importância, antes de tudo, do dialogismo entre professor e intérprete para que o trabalho seja de qualidade e eficaz para sanar tais dificuldades. Segue os relatos:

O que você acha a atuação do professor intérprete na sala de aula?

P1. Mais confortável quando tem a presença do intérprete na sala de aula, no qual auxilia o aluno fazendo uma comunicação entre professor e aluno.

P2. O intérprete é a peça fundamental no processo de comunicação entre professor e aluno e na aprendizagem dos mesmos.

P3. Apesar de não utilizar, se trata de um grande recurso já que a presença desse profissional, ajuda na comunicação e interação entre o professor e seus alunos.

Sobre quais recursos e estratégias você utiliza ao trabalhar com o aluno surdo, os professores responderam?

P1. “É utilizado com ambos os educandos da turma, recursos e materiais diversificados por meio de uma metodologia vivencial de aprendizagem, que potencialize a capacidade de pensar de cada um, de questionar e entrar em conflito com novas ideias”.

P2. “O trabalho pedagógico com os alunos com surdez nas escolas comuns, e desenvolvidas, em sala de aula, afim de que se utilize a Língua de Sinais e a Língua Portuguesa”.

P3. “Preferencialmente no ensinar o aluno surdo, é fundamental utilizar recursos visuais, imagens, filmes, cartazes, atividades lúdicas que priorizem o visual”.

Os professores responderam também que de modo geral, acreditam na capacidade de cada um de seus alunos. Segue a entrevista:

P1. A integração em sala de aula é constante embora se trate de um processo lento, e quando eles conseguem utilizar a língua escrita é uma conquista muito grande para nós.

P2. Cada aluno evoluiu e desenvolve a suas capacidades em seu próprio tempo e todo o processo depende inúmeros fatores como a inclusão em processo adequado de aprendizagem e a participação familiar.

P3. Os progressos acontecem quando conseguem bons resultados escolares, melhorando assim sua motivação durante a aprendizagem.

Durante a entrevista, também foi perguntado a respeito da formação inicial dos professores, que responderam:

P1. Possuo formação em pedagogia, estudei um ano em Libras. (básico), atuo na turma do 2ºano fundamental e cada dia aprendo mais um pouco com eles também.

P2. Cursei há algum tempo atrás a disciplina de LIBRAS, na FUNAD, porém hoje seria de grande importância fazer um curso aprofundado. Atuo na turma do 3ºano fundamental.

P3. Tive a oportunidade, de me aprofundar no ensino da Libras, sou formado em letras com habilitação em libras. Atuo nas turmas de 3º e 9º ano fundamental.

Verificou-se que nenhum deles possuía experiência anterior junto a alunos com deficiência auditiva ou surdez. Ao analisar os depoimentos dos participantes, foi possível identificar diferentes visões sobre a dificuldade enfrentada por cada um deles.

Os entrevistados, ao falarem sobre as dificuldades encontradas na realização da inclusão escolar destacaram também a falta de mais formação na área da surdez.

Assim como também a falta do conhecimento aprofundado da língua de sinais, sendo necessária a ajuda de um professor intérprete em sala, pois a falta de recursos e a indisponibilidade de alguns professores a se capacitarem às vezes acabam por prejudicar a boa qualidade de aprendizagem, principalmente no que diz respeito às provas e atividades em classe.

Por meio das entrevistas foi possível verificar que os professores enfrentam dificuldades de ensinar os alunos quando a falta de tempo impede de preparar uma aula diferenciada e materiais ilustrativos.

Os professores devem ir a busca de conhecimentos e qualificações adequadas para trabalhar com o aluno surdo e não ficar à espera do intérprete. A função deste é auxiliar o professor e assim facilitar o processo de aprendizagem do aluno e não ensinar o aluno surdo. Por isso, é necessário que tenham conhecimento do código de ética dos intérpretes. (QUADROS, 2005).

A partir do momento que se prepara o professor para trabalhar com a diversidade, a instituição começa a ser um lugar onde as identidades são respeitadas e valorizadas. Com base nos dados coletados, observou-se que a escola objeto da pesquisa desenvolve um processo de inclusão, de acordo com sua realidade, recebendo alunos surdos.

A respeito da participação de seus alunos surdos em sala de aula, os professores responderam que eles se interessam pelas aulas. Seguem os relatos:

P1. Participam até mais que os outros alunos e sempre fazem perguntas (com auxílio do intérprete) e participam das atividades em geral.

P2. Observo bastante interesse em concluir seus estudos nunca faltam sempre entregam trabalho certinho, são bem participativos.

P3. Bem participativos, e não costumam faltar às aulas.

Os resultados encontrados nas entrevistas evidenciaram que as maiorias dos professores não estão capacitadas para atender alunos surdos, embora nos depoimentos apontem para a satisfação diante dos resultados dessa experiência, relatando que suas aulas transcorrem normalmente; que as presenças do aluno surdo e intérprete são facilmente assimiladas na rotina escolar; e que percebem um bom relacionamento entre os alunos e um bom rendimento geral do aluno surdo.

Não basta ter formação somente em Libras, o professor precisa estar preparado para desenvolver uma aprendizagem significativa para todos os alunos, inclusive os surdos.

Foi identificado que o aluno surdo é integrado na escola, porém, não é incluído. A integração escolar tem como objetivo inserir o aluno com deficiência na escola regular, porém, essa escola permanece organizada da mesma forma e é o aluno que foi inserido que deverá adaptar-se a ela.

No entanto, no sistema de ensino inclusivo é a escola que se reorganiza para atender a especificidade de cada aluno. Sendo assim, o foco da integração é o aluno com deficiência e o foco da inclusão é o sistema de ensino que tem que oferecer um ensino de qualidade a todos. As escolas pesquisadas estão deixando a desejar em relação a qualificação dos docentes acerca desta deficiência, pois impede que os professores consigam passar o conteúdo pedagógico, sendo sempre necessário o intérprete, embora esse profissional também é de grande importância em sala de aula.

Por fim, deve-se pensar em uma educação bilíngue, que realmente proporcione o desenvolvimento dos alunos surdos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com a realização deste trabalho, pude analisar que muito, ainda se tem a fazer, em relação a inclusão, os professores relataram neste trabalho a importância da interação entre eles e o intérprete, ampliando assim a educação para o aluno surdo, com uma pedagogia voltada para o visual e o repetitivo, priorizando o planejamento em conjunto entre o professor e intérprete, favorecendo o aprendizado desse aluno, e reconhecendo a importância da libras como primeira língua.

Cabe a nós educadores buscarmos alternativas viáveis, para melhorar as práticas pedagógicas, pois o trabalho de ensinar, exige rigorosos métodos, e no caso da inclusão dos alunos com surdez, esse trabalho se torna ainda mais difícil, mas apesar de todas as barreiras encontradas, a satisfação e o prazer de ver, o desenvolvimento de cada aluno é ainda maior, segundo relato dos Professores, que claramente confirmam que se tratam de alunos com capacidades normais de aprendizagem.

Segundo Salles (2004), quanto mais o professor inserir o aprendiz na situação em que se enquadra a atividade proposta, quanto mais os contextos linguísticos e situações extralinguísticas, forem ao aprendiz apresentados melhor será o resultado.

REFERÊNCIAS

ALVES F. **Inclusão**: muitos olhares, vários caminhos e um grande desafio. Rio de Janeiro, WAK EDITORA, 2009.

BRASIL. Lei no 10.436, de 24 de abril de 2002. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras e dá outras providências. **Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil**, Brasília, DF, 25 abr. 2002. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/CCIVIL_03/Leis/2002/L10436.htm> Acesso em: 16 set. 2019

. BRASIL. Decreto nº5.626, de 22 de dezembro de 2005. Regulamenta a Lei nº10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras, e o art. 18 da Lei no 10.098, de 19 de dezembro de 2000. **Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil**, Brasília, DF, 23 dez. 2005. Disponível em: < http://www.planalto.gov.br/CCIVIL/_Ato2004-2006/2005/Decreto/D5626.htm> Acesso em: 16 set. 2019

BRASIL. Lei Federal 13.005, de 25 de junho de 2014. **Aprova o Plano Nacional de Educação - PNE e dá outras providências**. Brasília, DF, 25. Jun. 2014. Disponível em: < http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2014/lei/l13005.htm>. Acesso em: 17 set. 2019

BRASIL, Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. **Diretrizes Nacionais para a Educação Especial na Educação Básica**. Resolução 02/2001. MEC/ SEESP, Brasília, 2005.

GLAT, R.; BLANCO, L.M.V. Educação especial no contexto de uma Educação Inclusiva. In: GLAT, Rosana (ORG). **Educação Inclusiva: cultura e cotidiano escolar**. Rio de Janeiro: 7Letras, p. 15-35, 2007

KUBASKI, C.; MORAES, V. P. **O bilinguismo como proposta educacional para crianças surdas**. 2009. Disponível em http://www.pucpr.br/eventos/educere/educere2009/anais/pdf/3115_1541.pdf- Acesso em: 14 set. 2019.

LACERDA, C. B. F. **Os Processos Dialógicos entre Aluno Surdo e Educador Ouvinte**: Examinando a Construção de Conhecimentos. Tese de Doutorado, UNICAMP: Campinas/ São Paulo, p.79, 1996.

LACERDA, C. B. F.; SANTOS, L. F. dos; CAETANO, J. F. Estratégias metodológicas para o ensino de alunos surdos. In: Coleção UAB – UFSCar. **Língua de Sinais Brasileira**: uma introdução. São Carlos: Departamento de Produção Gráfica da USFCar, 2011.

LEITE, T. de A. Língua, Identidade e Educação de Surdos. **Ponto Urbe**, São Paulo, n. 2, 2008

MOURA, M. C. O surdo: **caminhos para uma nova identidade**. Rio de Janeiro: Revinter/Fapesp, 2000.

MOURA, A. A. de; FREIRE, E. L.; FELIX, N. M. Escolas bilíngues para surdos no Brasil: uma luta a ser conquistada.. **Revista on line de Política e Gestão Educacional**, v.21, n. esp.2, p. 1283-1295, nov. 2017

PÁDUA, E. M. M. Metodologia da pesquisa: **abordagem teórica prática**, 2º Edição. São Paulo: Papirus, 1997.

SALLES, H. M. M. L. et al. **Ensino de Língua Portuguesa para surdos: caminhos para a prática pedagógica**. Brasília: MEC/SEESP; 2004.

SKLIAR, C.; QUADROS, R. **Invertendo epistemologicamente o problema da inclusão: os ouvintes no mundo dos surdos**. *Estilos Clínicos, Psico*, São Paulo, v. 5, nº 9, 2000.

APÊNDICES

Entrevista

1. Há dificuldades em trabalhar com o aluno surdo? Quais?
2. Quais recursos e estratégias você utiliza ao trabalhar com o aluno surdo?
3. Qual o meio de comunicação que você utiliza com o aluno?
4. Você acredita na capacidade de aprender do seu aluno?
5. Quais as maiores dificuldades apresentadas pelo aluno surdo na sala de Aula?
6. Quais os progressos alcançados por seus alunos?
7. Você possui algum conhecimento em LIBRAS?
8. Que tipo de metodologia você utiliza para trabalhar com seus alunos?
9. O que você acha a atuação do professor interprete na sala de aula?
10. Sobre a sua formação como você se profissionalizou na LIBRAS, teve acesso a curso superior ou profissionalizante ou aprendeu durante o processo educacional com alunos surdos?
11. Quando você percebe que o aluno não domina Libras, o que você faz?
12. A respeito da participação de seus alunos surdos em sala de aula eles se interessam pelas aulas, têm interesse e participam?

